

NOTÍCIAS DA INTERNET, GÊNERO EM (TRANS)FORMAÇÃO: UMA PERSPECTIVA COGNITIVA SOBRE NOTÍCIAS FALSAS NO MEIO DIGITAL

Letícia Martins Monteiro de Barros

Orientadora: *Solange Coelho Vereza*

Mestranda

RESUMO: Este trabalho trata do gênero “notícia de Internet” e do seu caráter aparentemente instável, devido às constantes mudanças tecnológicas e sociais verificadas no meio digital. Veiculado em diferentes plataformas, como jornais digitais, blogs e redes sociais, esse tipo de notícia apresenta características variáveis no que diz respeito à forma, à recepção, à interação e ao conteúdo, e, por isso, parece não ser possível identificar fatores que o classifiquem de uma maneira rígida; trata-se de um gênero em constante reinvenção. Para analisá-lo, esta pesquisa terá como base os estudos sobre gêneros discursivos propostos por Bakhtin (1997), Swales (1990) e Bathia (2004), sob a luz de pressupostos teóricos relevantes da Linguística Cognitiva (LC), como a noção de frame (FILLMORE, 1982), os Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), a Teoria dos Protótipos (ROSCH 1978), entre outros, a fim de entender de que forma a cognição humana conceptualiza – e categoriza – diferentes eventos comunicativos. Fundamentada a noção de gênero como frame (PALTRIDGE, 1997), o foco de investigação deste trabalho serão as notícias falsas da Internet, publicadas e muitas vezes compartilhadas no meio digital como sendo verdadeiras. Pretende-se, a partir dessa análise, tentar estabelecer possíveis elementos linguísticos e extralinguísticos capazes de auxiliar o interlocutor na identificação de tais textos como sendo ou não verídicos.

PALAVRAS-CHAVE: Cognição, categorização, gêneros textuais, notícias falsas, Internet.

INTRODUÇÃO

É inquestionável a revolução causada pelo advento e pela popularização da Internet no mundo. Verificam-se, entre outros benefícios, maiores facilidade e rapidez em pesquisas, compras e vendas, comunicação e veiculação de informações. No entanto, apesar de se constatarem significativas vantagens promovidas pela era digital, é preciso que se atente também aos perigos, ou, pelo menos, novos desafios, a ela atrelados. Neste trabalho, será discutido o gênero notícia, que apesar de ter se consolidado com características específicas nos

meios tradicionais, apresenta caráter instável no que tange à Internet e às diferentes formas de divulgação que emergem nesse meio, como os jornais digitais, os blogs e até redes sociais.

O panorama do acesso à informação mudou e encontra-se em constante transformação devido à Internet. A praticidade e a comodidade verificadas no ambiente *online* faz com que a nova geração de usuários da rede já não tenha o hábito de recorrer aos veículos de notícia tradicionais ou procurar por meios considerados confiáveis. Para muitos, redes sociais são a única fonte de informação, já que os participantes dessas plataformas costumam compartilhar – além dos acontecimentos do próprio dia a dia – notícias que consideram relevantes. No entanto, nem sempre a veracidade da informação é confirmada por esses usuários antes de compartilhá-las. E, como discutiremos em maior profundidade adiante, tradicionalmente a notícia, por maiores que sejam as distorções ou vieses ideológicos¹ por trás dela, sempre esteve, pelo menos no senso comum, vinculada à divulgação de informações consideradas relevantes e em conformidade com o que é visto como “realidade”, ou seja, com o que de fato aconteceu. Em quase todas as definições de *notícia*, há menção a informações sobre “fatos, dados ou acontecimentos”, ou seja, conceitos que se referem a eventos pertencentes à esfera do que é percebido como “real”. Em outras palavras, atrelado ao conceito de notícia, parece haver um pressuposto de que o fato divulgado é verdadeiro.

Dentro desse contexto, como se encaixariam as notícias falsas que aparecem todos os dias na Internet? A Linguística Cognitiva apresenta alguns conceitos que podem ajudar a entender a forma como a mente humana conceptualiza e organiza determinados tipos de informação. O processo cognitivo de categorização pode explicar, por exemplo, a existência de diferentes gêneros discursivos, e variados *frames*, como será exposto ao longo deste trabalho, resultam em diversas formas de conceptualização.

A RELAÇÃO ENTRE CATEGORIZAÇÃO, GÊNEROS DISCURSIVOS E *FRAMES*

Já nas obras de filósofos gregos da Antiguidade Clássica, percebe-se a noção de que é possível reunir itens dentro de um mesmo conjunto com base nas semelhanças entre eles. No diálogo *Político*, de Platão – aproximadamente, quatro séculos antes de Cristo –, o personagem

¹ Segundo Fairclough, que rejeita a “Teoria do Espelho” (notícia é informação que reflete o real), “pode-se considerar que a mídia de notícias efetiva o trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 144).

Sócrates ouve de um estrangeiro sugestões sobre como classificar objetos com base em suas propriedades semelhantes. Nas indagações feitas por este, percebe-se uma preocupação tanto em distinguir e separar espécies com características e funções diversas quanto em agrupar as semelhantes dentro de um espectro mais abrangente, nomeando esses diferentes grupos. Entre suas indagações, o estrangeiro questiona:

Não será necessário distinguir das espécies precedentes uma que compreende a maior parte das coisas antes mencionadas, o conjunto dos objetos de vestuário, a maior parte das armas, os muros, os abrigos de terra ou pedras e uma multidão de coisas semelhantes? E, já que todo esse conjunto é feito para abrigar, é justo dar-lhe o nome geral de abrigo. [...] Admitamos ainda uma quinta espécie constituída pela ornamentação e pintura, com todas as imitações que esta última ou a música produzem, e cuja finalidade é nosso prazer. Não será justo reuni-las sob um único nome? (PLATÃO, 1972, p. 244)

Foi Aristóteles, no entanto, que empregou pela primeira vez o termo *categoria* para tratar de tais classificações, aprofundando as reflexões iniciadas por Platão. A visão aristotélica sobre categorização, considerada clássica, visa tentar explicar de que modo esses agrupamentos são formados e por que eles existem. A visão clássica sobre categorização sugere que existem conjuntos claros e bem delimitados, cujos membros se encontram agrupados com base em traços comuns a todos. A partir desse pensamento, tem-se a impressão de que as categorias existem naturalmente no mundo e a mente humana apenas as apreende.

A ideia de que esses grupos são formados com base em características compartilhadas não está, segundo Lakoff, completamente equivocada, porém o processo não é tão simples. Por muito tempo, de Aristóteles a Wittgenstein, categorias eram vistas como “[...] contêineres abstratos, com coisas ou dentro ou fora da categoria. As coisas deveriam estar na mesma categoria se e apenas se elas tivessem certas propriedades em comum²” e estas eram tomadas como “definidoras da categoria” (LAKOFF, 1987, p. 6). Dessa forma, existiriam limites rígidos que as definiriam e as separariam umas das outras.

A contribuição de Wittgenstein (1958) para o entendimento de categorização foi a noção de “semelhança de família” (“*family resemblance*”), analogia utilizada para explicar por que é possível, em um mesmo grupo, haver membros que compartilham apenas alguns atributos – não todos –, suficientes para mantê-lo naquela categoria. Seria como ocorre entre os membros de uma família:

²Trecho original: “[...] abstract containers, with things either inside or outside the category. Things were assumed to be in the same category if and only if they had certain properties in common”.

Por exemplo, pai e filho podem ter o mesmo tipo de nariz e a mesma cor de cabelo; mãe e filho podem ter a mesma cor de pele; filho e filha podem compartilhar a mesma cor de olhos. Assim como não há um traço compartilhado por todos os membros da família, mas um conjunto de traços que permite compartilhamentos parciais, de modo análogo, não há um traço definidor das categorias em geral (FERRARI, 2014, p. 34).

Wittgenstein chegou a essa conclusão a partir da observação de termos como *game*, “jogo” em inglês, cujo significado abrange uma variedade de exemplares, com características que não são comuns a todos.

Considere por exemplo os procedimentos que nós chamamos de “jogos”. Eu me refiro a jogos de tabuleiro, jogos de cartas, jogos de bola, jogos olímpicos, entre outros. O que é comum a todos eles? [...] Porque se você olhar para eles você não verá alguma coisa que é comum a todos, mas similaridades, relações, e uma série deles³ (WITTGENSTEIN, 1958, p. 31).

Outra visão importante sobre categorização, que surge em oposição à clássica, é a de Eleanor Rosch. De acordo com Lakoff, para trazer à tona uma nova perspectiva sobre a formação de categorias, Rosch se concentrou primeiramente em se opor a dois pontos cruciais da noção clássica: a não existência de melhores exemplares de cada grupo e a definição das categorias apenas pelas propriedades inerentes aos seus membros, sem interferência externa. Em relação ao primeiro ponto, ela diz que, se as categorias são definidas a partir dos atributos comuns a todos os membros, seria contraditório dizer que há algum integrante que se destaque e seja o melhor exemplar daquele grupo. Sobre o segundo, se as categorias são estabelecidas pelas características inerentes aos membros, elas devem ser independentes de quem as organiza, e fatores como a percepção humana, a capacidade de organização, movimento corporal etc. seriam consideradas irrelevantes para a formação dos agrupamentos (LAKOFF, 1987, p. 7).

Assim, Rosch, em seu capítulo intitulado *Principles of Categorization*, afirma simplesmente que “conceptualmente, o aspecto mais interessante desse sistema de classificação é que ele não existe⁴” (ROSCH, 1978, p. 27). Não é inerente à natureza do mundo que nos cerca, nem se trata de algo próprio dos membros categorizados. Essa forma de organização é fruto de princípios psicológicos que regem a cognição humana e permite que a mente retenha o maior número de informação fazendo o menor esforço.

³ Trecho original: “Consider for example the proceedings that we call “games”. I mean board-games, card-games, ball-games, Olympic games, and so on. What is common to them all? [...] For if you look at them you will not see something that is common to all, but similarities, relationships, and a whole series of them at that”.

⁴ Trecho original: “Conceptually, the most interesting aspect of this classification system is that it does not exist”.

A partir de suas críticas e análises junto a outros pesquisadores (ROSCH & MERVIS, 1975; MERVIS, CATLYN e ROSCH, 1976; ROSCH, 1978), Rosch propôs a Teoria dos Protótipos, a qual sugere que as categorias são formadas como um *continuum* que vai do elemento mais prototípico (o central, aquele que possui maiores similaridades em relação ao protótipo) ao menos prototípico, ou mais periférico. Por elemento prototípico, portanto, ela entende “o mais claro dos casos de pertencimento a uma categoria definido operacionalmente pelo julgamento das pessoas sobre o melhor exemplar de membro da categoria”⁵ (ROSCH, 1978, p. 11). Não existiriam, segundo a pesquisadora, limites rígidos definidores de cada agrupamento, mas sim uma escala que indicaria maior ou menor pertencimento à categoria de acordo com o grau de similaridade com o protótipo.

É possível afirmar que a organização do pensamento humano, a partir de conceptualizações e categorizações, é o que nos permite discernir e classificar diferentes eventos comunicativos e, ainda, interagir de maneira diversa de acordo com cada situação. A existência de uma variedade de gêneros discursivos está relacionada, portanto, à capacidade cognitiva de categorizar. Mas a partir de que princípios é realizada a categorização? Sob a luz da Linguística Cognitiva, área que se ocupa da construção de sentido possibilitada pela cognição humana, Fillmore (1982) propõe a existência de *frames*, expectativas que o conceptualizador cria, com base em sua experiência de mundo, a respeito das coisas ao seu redor. A Semântica de Frames, teoria desenvolvida por esse autor, visa, assim, apontar a relevância da relação entre linguagem e experiência na criação de sentidos. Ele define o termo *frame* como

[...] qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para entender qualquer um deles, você tem que entender toda a estrutura na qual ele se encaixa; quando uma coisa em tal estrutura é introduzida em um texto, ou em uma conversa, todas as outras são automaticamente disponibilizadas⁶ (FILLMORE, 1982, p. 111).

Nesse sentido, a relação entre *frames* e gêneros do discurso, como explica Paltridge (1997), é feita pela busca dos elementos – isto é, as experiências e conhecimentos prévios que formam os *frames* – que levam os usuários de uma língua a reconhecer e rotular certos eventos comunicativos, que ocorrem em determinados contextos, como instâncias de gêneros

⁵Trecho original: “the clearest cases of category membership defined operationally by people’s judgments of goodness of membership in the category”.

⁶Trecho original: “By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available”.

particulares. Dentro da Semântica de Frames, é discutido o fato de que uma pessoa “adquire um repertório de protótipos de frames particulares” (PALTRIDGE, 1997, p. 48), isto é, criam-se idealizações prototípicas em relação a diversas situações, conceitos e até diferentes formas de discurso, texto e outros modos de comunicação.

De acordo com Lakoff (1987), que sugere a existência de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), tais idealizações cognitivas têm relação intrínseca com o processo de categorização, em especial no que diz respeito aos protótipos, e com os *frames* dos quais trata Fillmore. De forma simplificada, Lakoff, conforme expõe Ferrari, define os MCIs como “um conjunto complexo de *frames* distintos” (FERRARI, 2014, p. 53). E, assim como ocorre nas categorias, os Modelos Cognitivos Idealizados podem ser bastante abrangentes, genéricos, e fazer com que o mundo não se encaixe perfeitamente em seus padrões de idealização. “Um modelo cognitivo idealizado pode encaixar o entendimento de alguém sobre o mundo perfeitamente, muito bem [...], bem, muito mal, mal ou nem um pouco⁷” (LAKOFF, 1987, p. 70).

No caso das notícias, como será mostrado adiante, há alguns critérios básicos, ou alguns *frames* que são evocados, para que a mente humana a compreenda como tal. Esses atributos formam o MCI de notícia. No jornalismo, por exemplo, essas características dizem respeito à linguagem utilizada, ao formato do texto, ao seu conteúdo e, claro, ao seu propósito.

GÊNEROS DISCURSIVOS, NOTÍCIAS E A INTERNET

O filósofo russo Mikhail Bakhtin, em sua obra *Estética da Criação Verbal*, discute a dificuldade em se estabelecerem critérios rígidos que definam os gêneros discursivos, devido à sua natureza heterogênea e à multiplicidade de formas de utilização linguística que surgem na esfera social. Segundo o autor,

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. [...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e

⁷Trecho original: “An idealized cognitive model may fit one's understanding of the world either perfectly, very well [...] somewhat well, pretty badly, badly, or not at all.”

construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 279, grifo do autor)

Dentro da citação acima, vale-se destacar alguns pontos, entre eles a relativa estabilidade a que Bakhtin se refere. Um gênero é formado a partir da sua função discursiva e das condições determinadas pelas esferas da comunicação verbal em que ele está inserido. Seu caráter pode ser considerado estável quando levados em consideração os fatores temáticos, composicionais e estilísticos (BAKHTIN, 1997, p. 284). Entretanto, a estabilidade é apenas relativa, visto que se trata de um conceito variável, dinâmico, que se adapta e se reinventa à medida que o meio da interação verbal é alterado. Nas palavras de Bakhtin, “a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas [...], e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Ao aproximar a conceituação oferecida por Bakhtin da realidade da notícia ao longo dos anos, é possível verificar a estabilidade relativa à qual o autor se refere, visto que, embora haja características específicas que auxiliem na identificação de tal gênero, a esfera social e tecnológica em que ele está inserido altera sua dinâmica de funcionamento. Contudo, antes de nos aprofundarmos nessa questão, é necessário primeiro deixar clara a noção de notícia focalizada neste trabalho.

De acordo com o dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), o termo *notícia* possui entre suas definições: 1) “informação a respeito de acontecimento ou mudança recentes, nova, novidade”; 2) “conhecimento do paradeiro ou da situação (de alguém)”; 3) “relato de fatos e acontecimentos veiculado em jornal, televisão, revista etc.”; ou 4) “o assunto focalizado nesse relato”.

Esta pesquisa tratará especificamente da terceira definição, a que diz respeito ao campo jornalístico. Porém, antes de prosseguir às análises, outro conceito importante a ser esclarecido é o do vocábulo *fato*, que aparece dentro do significado de notícia. Segundo o mesmo dicionário, *fato* corresponde a um acontecimento, a uma ação que ocorreu ou está em curso ou a algo que pode ser constatado indiscutivelmente, ou seja, uma verdade.

Ao associar tais definições, pode-se concluir, portanto, que notícias sugerem o fator *verdade* como fundamental, o que implica, entre outras coisas, no entendimento de que as

informações veiculadas nos meios de comunicação tratam – ou, pelo menos, devem tratar – de acontecimentos verídicos.

Em jornalismo, existem basicamente três fatores que caracterizam o texto veiculado na mídia como pertencente ao gênero notícia: a linguagem, a forma e o conteúdo.

Em relação ao primeiro fator, Traquina (2013) revela que, o fato de o jornalista precisar se comunicar com um público heterogêneo, isto é, formado por diferentes classes sociais, faixas etárias, escolaridades, etnias, ideologias etc., faz com que sua linguagem seja pensada de modo a atingir o maior número de pessoas possível. Dessa forma, a notícia é apresentada por meio de: “a) frases curtas; b) parágrafos curtos; c) palavras simples (evitar palavras polissilábicas); d) sintaxe direta e econômica; e) concisão; f) utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto” (TRAQUINA, 2013, p. 44).

A respeito do segundo fator, as notícias são transmitidas seguindo um formato específico na construção do texto. No meio impresso ou digital, geralmente a matéria se inicia por um título, seguido do subtítulo e, no corpo do texto, a estrutura segue o formato de “pirâmide invertida”, informando os fatos de maior para menor importância. O primeiro parágrafo de um texto jornalístico é o lead (“lide” na forma aportuguesada), e, em teoria, cobre as principais informações: o quê, quando, como, onde, quem e por quê.

Sobre o terceiro fator, o conteúdo, Traquina (2013, p. 59-60) menciona a metáfora recorrente que aponta o jornalista como um “espelho” e que, portanto, os acontecimentos por ele “refletidos” teriam relação direta com a realidade. O conteúdo das notícias, portanto, é geralmente visto como verdade, já que, caso algum boato ou história mal apurada seja publicada, o veículo corre o risco de perder sua credibilidade e ser processado.

É necessário, porém, destacar que os critérios de linguagem, forma e conteúdo das notícias são uma construção social. Os aspectos do texto jornalístico se alteraram no decorrer do tempo, sempre se moldando às novas realidades socioculturais e tecnológicas, geralmente com o propósito de transmitir informações à população. O conjunto das características mais relevantes da notícia formam seu modelo cognitivo mais estável, aquele que é base – fundamentado pelo conhecimento preestabelecido, isto é, através de *frames* – para o entendimento de gêneros emergentes dentro de novas realidades discursivas.

Sendo assim, se, à medida que os formatos se modificam, a dinâmica da comunicação também é alterada, o que acontece em relação ao jornalismo e à forma de se produzir notícias quando as características dos meios de comunicação tradicionais (o jornal, o rádio e a televisão) são combinadas e convergem em um só meio?

Ao contrário da mídia tradicional, que possui um espaço fixo, a Internet comporta um número infinito de notícias, provenientes das mais variadas fontes, que podem ser acessadas a qualquer momento. O internauta tem a capacidade de decidir o que e como vai ouvir ou ler, podendo aprofundar-se nos assuntos através de hiperlinks relacionados a determinado assunto ou simplesmente obter uma informação básica. Tem, portanto, autonomia para selecionar o conteúdo do seu interesse e pode interagir com ele, com os autores e com outros interessados através de comentários, fóruns de discussão, chats etc. Além disso, é também capaz de criar seu próprio conteúdo e disponibilizá-lo *on-line* para que milhões de pessoas tenham acesso e interajam com o que foi publicado.

Como se pode constatar, uma das grandes vantagens da Internet é oferecer espaço ilimitado em que se pode compartilhar informações de maneira rápida e abrangente. Isso, paradoxalmente, corresponde a uma de suas grandes desvantagens. Já que qualquer pessoa com acesso à rede pode criar e publicar seu próprio conteúdo, a qualidade e veracidade das informações no meio digital se tornam comprometidas. Nessa reconfiguração da esfera social e tecnológica, a estabilidade do gênero notícia é alterada, uma vez que novas características dessa categoria surgem no meio digital. Verifica-se atualmente, por exemplo, uma enxurrada de notícias falsas na Internet, muitas vezes compartilhadas como verdadeiras por pessoas acostumadas a confiar nas informações que recebem, em razão de que notícia, tradicionalmente, pressuporia fatos verídicos.

ESTUDO DE CASO: NOTÍCIAS FALSAS DA INTERNET

Na tentativa de frear compartilhamentos despreocupados, surgem no cenário atual diversas páginas comprometidas em alertar sobre notícias falsas e oferecer *fact checking*, checagem dos fatos, a fim de ajudar os usuários da rede a comprovar a veracidade das notícias que encontram na Internet. Para citar alguns exemplos, há a Agência Lupa, os sites boatos.org e e-farsas.com, a página “É ou não é?” do G1, entre outros. Mas será que existem indícios no próprio texto capazes de auxiliar na identificação de uma notícia falsa?

Para compor o *corpus* desta pesquisa, serão selecionadas duas notícias comprovadamente falsas (corroboradas pelas páginas supracitadas) e duas verdadeiras, retiradas de sites considerados confiáveis. A partir delas, por meio de comparação entre os recursos textuais de cada uma, será verificada a existência de indícios próprios do texto que possam auxiliar na identificação de uma notícia possivelmente falsa.

(1) Notícia falsa⁸:

Título: URGENTE! TENTARAM MATAR O DEPUTADO TIRIRICA!!

Subtítulo: URGENTE *TENTARAM MATAR O ÚNICO POLÍTICO HONESTO DO BRASIL*ATENÇÃO!, A MÍDIA (GLOBO, SBT, RECORD) QUER MOSTRAR ISSO, ENTÃO COMPARTILHE!*

Na eleição vergonhosa que votou pela absolvição do presidente Michel Temer a voz de Tiririca nadou contra a corrente e chamou a atenção dos deputados que trocaram suas convicções políticas em troca de R\$ 16 bilhões em verbas.

Chamado para dar seu voto o deputado Francisco Everardo, mais conhecido como Tiririca surpreendeu a Câmara dos Deputados com estas palavras fortes:

Estou com o povo. Eu sou do povo. Deus é contra injustiça. Eu não posso fechar os meus olhos pra tudo isso*. Meu partido pediu pra votar a favor do Temer, mas eu não vou fazer isso. Posso até perder meu mandato. Posso até voltar pro circo. Mas não faço o povo de palhaço. Eu voto contra o Temer. Eu voto a favor do Brasil. Se ele não é culpado que prove sua inocência. Só acho estranho quem se diz inocente gastar bilhões do dinheiro público pra pedir voto aos deputados. Eu devo ser muito burro mesmo. Não entendo a lógica destes políticos. Nem quero entender".

(2) Notícia falsa⁹:

Título: “URGENTE” TEMER CONFISCARÁ POUPANÇA DO POVO.

Subtítulo: Governo de Michel Temer, encurralado, bloqueará investimentos dos brasileiros.

Esta é uma fria e insuportável previsão para a economia do Brasil nos próximos meses, adverte o criador dos bancos Garantia e Pactual, Luiz Cesar Fernandes.

Mesmo que se privatize todas as empresas possíveis, como agora querem privatizar a Casa da Moeda sob contestação de seu diretor que afirma que não há prejuízos, a economia não se recuperará por conta da péssima administração do Governo atual.

Além disso, Temer também perdoou dívidas bilionárias até de grandes empresas e abusou da liberação de recursos financeiros para a compra de sua permanência no cargo, bem

⁸ Texto disponível em: <http://www.webradiocriativa.com.br/noticias/brasil/718506>. Acesso em: 18/08/2017. Corroboração da falsidade da notícia: <http://www.boatos.org/politica/tentaram-matar-deputado-tiririca.html>. Acesso em 18/08/2017.

⁹ Texto disponível em: <http://www.sociedadeoculta.com/2017/08/28/governo-de-michel-temer-encurralado-bloqueara-investimentos-dos-brasileiro/>. Acesso em: 30/08/2017. Corroboração da falsidade da notícia: <http://www.boatos.org/politica/temer-confiscara-poupanca.html>. Acesso em 30/08/2017.

como torna-se notório o desejo de perpetuação de um grupo seletivo no poder através do polêmico parlamentarismo, sem falar da adoção de uma política salarial estratosférica de Norte a Sul do país.

Segundo o banqueiro e economista Fernandes, em breve a dívida interna pública atingirá 100% do PIB e toda a riqueza produzida no país será destinada a pagar as contas irresponsáveis de Temer.

A situação será insustentável e o país entrará em uma total ingovernabilidade. O sistema entrará em falência e atingirá não só os grandes bancos como também as pessoas físicas.

As grandes instituições bancárias não terão outra saída senão impedir que seus clientes saquem suas poupanças.

O caos levará ao calote da dívida interna brasileira com o consequente confisco de aplicações financeiras.

Desde o governo passado, Temer e Eduardo Cunha já sabotavam as decisões de Dilma Rousseff numa espécie de primeira etapa do golpe.

Agora, sua equipe aprofundaram ainda mais a depressão econômica e o rombo fiscal poderá alcançar a casa de R\$ 1 trilhão.

(3) Notícia verdadeira¹⁰:

Título: Homem é morto em tentativa de assalto na Barra da Tijuca

Subtítulo: João Marcelo Peres das Neves saía do trabalho, no Barra Garden, quando foi alvo de criminosos. A Delegacia de Homicídios investiga o caso

Um homem foi morto com um tiro no rosto durante uma tentativa de assalto na Avenida das Américas, na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio, na noite desta quarta-feira.

João Marcelo Peres das Neves, de 41 anos, saía do trabalho, no Barra Garden, em direção ao BRT quando foi abordado por dois bandidos em uma moto. Os bandidos teriam fugido sem levar nada.

Ele trabalhava como coordenador de relacionamento do Medgrupo, especializado em ensino médico. "Lamentamos muito, os funcionários estão muito abalados", disse Elizângela Gremião, supervisora de atendimento da empresa em que trabalhava com João Marcelo.

"Que ódio de bandido, tirou sua vida por prazer, mais um trabalhador que não volta para casa... não me conformo! Meu lindo porquê?? Vou orar muito por seu espírito, ter muita

¹⁰ Texto disponível em: <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-07-20/homem-e-morto-em-tentativa-de-assalto-na-barra-da-tijuca.html>. Acesso em 10/09/2017

luz, que Deus te receba meu lindo anjo. Vou sentir falta dos nossos longos papos. Descanse em paz meu amadinho, jamais esquecerei seu sorriso lindo. (SIC)", escreveu uma amiga em uma rede social.

Em nota, a Delegacia de Homicídios da Capital (DH-Capital) disse que investiga o caso. Ainda não há informações sobre enterro de João Marcelo.

(4) Notícia verdadeira¹¹:

Título: Câmara recebe segunda denúncia contra Michel Temer

Subtítulo: Presidente vai atuar diretamente para tentar barrar prosseguimento do processo

A segunda denúncia do ex-procurador-geral da República Rodrigo Janot contra o presidente Michel Temer foi protocolada na noite desta quinta-feira na Secretaria Geral da Mesa da Câmara. O documento foi entregue pelo diretor-geral do Supremo Tribunal Federal (STF), Eduardo Toledo. O documento foi recebido pelo secretário-geral da Mesa, Wagner Padilha.

A Câmara precisará decidir também o futuro de dois ministros que foram alvo da mesma denúncia: Eliseu Padilha, da Casa Civil, e Moreira Franco, da Secretaria Geral da Presidência da República.

A Constituição Federal afirma, no artigo 51, afirma que a Câmara deve “autorizar, por dois terços de seus membros, a instauração de processo contra o presidente e do vice-presidente da República e ministros de Estado”. Embora a regra seja clara, a Câmara ainda não definiu qual procedimento será tomado.

O presidente Michel Temer vai atuar diretamente para barrar a segunda acusação. Temer e aliados estão recebendo os mapas da votação da primeira denúncia, tanto na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e no plenário da Câmara. A ideia é reforçar os apelos e ir atrás daqueles que faltaram. O vice-líder do governo na Câmara, deputado Beto Mansur (PRB-SP), fará novo mapeamento durante todo o final de semana.

Com a chegada da denúncia à Câmara, pelas regras, agora a peça será lida no plenário da Câmara, o que só deve ocorrer na segunda-feira, a depender se haverá quorum para abrir sessão. Em seguida, o presidente Temer será notificado.

A denúncia passa a tramitar na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara. O presidente Temer terá prazo de até dez sessões para apresentar defesa junto à CCJ. Já a CCJ terá até cinco sessões para se pronunciar sobre a denúncia

¹¹ Texto disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/camara-recebe-segunda-denuncia-contramichel-temer-21855480>. Acesso em: 24/09/2017

Após contrastar os casos acima, percebe-se que pode haver indícios no próprio texto capazes de auxiliar na identificação de possíveis notícias falsas. No entanto, vale ressaltar de antemão que desvios ortográficos e problemas de coesão e coerência, por exemplo, não comprovam a falsidade das informações publicadas. Isso significa que é possível encontrar notícias falsas muito bem escritas, bem como verdadeiras publicadas por pessoas que não têm domínio das regras de ortografia e de produção textual. Esses indícios, contudo, podem ao menos servir como um alerta de que o autor da publicação não corresponde a um jornalista especializado, abrindo espaço para que o leitor se questione e pesquise sobre a veracidade do conteúdo acessado.

Nas notícias falsas, verifica-se, logo nos títulos, uma tentativa de chamar a atenção do leitor por meio de itens apelativos, como a palavra “urgente” iniciando os períodos e o uso de caixa alta, isto é, todas as letras em maiúsculo. Há também a utilização indevida de recursos gráficos, como os pontos de exclamação e os asteriscos em (1) e as aspas em (2). Isso não ocorre nos títulos das notícias (3) e (4). Além disso, nas verdadeiras, os títulos não se encerram com o ponto final; a notícia (2), falsa, sim, enquanto que a (1) é encerrada com dois pontos de exclamação.

Em relação ao conteúdo, o caso (1) apresenta problemas de coerência, visto que o há uma discrepância entre a informação apresentada no corpo da notícia e o título dado a ela. Enquanto este indica uma tentativa de assassinato, o conteúdo textual diz respeito a uma suposta fala do político Tiririca durante uma sessão da Câmara dos Deputados. Para ser coerente, o corpo do texto deveria conter informações sobre a tal tentativa de assassinato, como indicado no título. Deveria haver, por exemplo, dados sobre dia do acontecimento, o responsável, o local e a forma como o fato ocorreu, porém nada disso é apresentado. O problema de coerência poderia também ser solucionado se o título fosse alterado de modo a indicar apenas o depoimento do deputado, como retrata o texto.

Outro indício que pôde ser constatado apenas nas notícias falsas apresentadas foi o caráter opinativo dos textos, evidenciado pela presença de julgamentos de valor sobre os supostos fatos. Em (1), logo no subtítulo, Tiririca é apresentado como “*o único político honesto do Brasil*”; já nas primeiras linhas do texto, tem-se o adjetivo *vergonhosa* para caracterizar *eleição* e, no parágrafo seguinte, o uso de *fortes* relacionado ao termo *palavras*. Em (2), *fria* e *insuportável* são utilizados para caracterizar *previsão*. Essas adjetivações são um recurso que deve ser evitado em notícias jornalísticas sob o risco da perda de objetividade no relato dos fatos.

No que diz respeito ao primeiro parágrafo de um texto jornalístico, o *lide*, espera-se normalmente encontrar nele as informações mais importantes sobre o fato relatado, como o acontecimento em si, a data em que ocorreu, o modo, as pessoas envolvidas, o local etc. Isso é verificado apenas nas notícias verdadeiras apresentadas nesta pesquisa. Conforme se pode constatar, o lide do caso (1) não apresenta nem local nem data do fato e, como já mencionado anteriormente, não possui relação com o título da matéria. No caso (2), o primeiro parágrafo é composto por uma suposta afirmação – bastante vaga –, a qual retoma anaforicamente a informação explicitada título e o subtítulo. Em realidade, o lide deveria rerepresentar o fato central e oferecer os dados mais relevantes sobre o assunto tratado.

Em relação a desvios gramaticais, os textos (1) e (2) apresentam inadequação concernente à pontuação. Esse problema não é encontrado nos casos (3) e (4). A segunda notícia falsa revela, ainda, problemas de concordância verbal, o que pode ser verificado nos trechos “Mesmo que *se privatize todas as empresas* possíveis [...]” e “Agora, *sua equipe aprofundaram* ainda mais a depressão econômica [...]”. Vale ressaltar que também foram encontrados desvios no caso (4) – a palavra *secretario*, escrita sem o acento gráfico, e a repetição do verbo *afirma* na primeira linha do terceiro parágrafo –, provavelmente provocados por desatenção, e não falta de conhecimento por parte do autor, já que foram ocorrências isoladas no texto como um todo, diferentemente do que foi encontrado nas notícias (1) e (2).

A partir dos casos apresentados, pôde-se perceber a presença de alguns elementos inerentes à composição do próprio texto capazes de indicar uma possível notícia falsa. As evidências que geram mais desconfiança dentre as apresentadas são a falta de coerência entre o título e o corpo do texto no caso (1) e os recursos gráficos apelativos presentes nos títulos das notícias (1) e (2). Contudo, é importante salientar que esses indícios não formam uma regra para a identificação de informações falsas, mas podem servir como alerta para que o leitor desconfie do que está escrito e procure checar em outras fontes a veracidade dos fatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de categorização, como mencionado ao longo do trabalho, é o que explica a conceptualização das diversas situações comunicativas como diferentes gêneros do discurso, e são os *frames*, baseados na experiência do conceptualizador, que, quando acionados, permitem à mente humana compreender essa variedade discursiva e identificar modos de interação – inclusive com gêneros emergentes.

Devido à evolução social e tecnológica gerada a partir da popularização da Internet, surgiram novos gêneros discursivos e houve reconfigurações dos tradicionais. As notícias, por exemplo, ganharam uma nova dinâmica na rede, o que alterou não só as características desse gênero, como também a relação entre ela e o leitor. A Internet abriu espaço para que todos com acesso a ela possam publicar seu próprio conteúdo *on-line*, o qual pode ser visualizado por milhões de pessoas em todo o mundo. Nesse contexto, surgem todos os dias na rede diversas notícias falsas, frequentemente compartilhadas de maneira despreocupada.

Sendo assim, o intuito desta pesquisa foi verificar e tentar levantar indícios no próprio texto capazes de alertar o leitor sobre a possibilidade de uma notícia falsa, a fim de que se forme um olhar mais crítico e preocupado a respeito das diversas informações que circulam diariamente na *Internet*.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.

FILLMORE, Charles J. Frame Semantics. In: *Linguistic in the Morning Calm*, Linguistic Society of Korea (ed.). Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982, p. 111-137.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

MERVIS, Carolyn B.; CATLIN, Jack; ROSCH, Eleanor. Relationships among goodness-of-example category norms, and word frequency. *Bulletin of the Psychonomic Society*, vol. 7 (3), 1976, p. 283-284. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.3758/BF03337190>. Acesso em: 28/01/2017.

PALTRIDGE, Brian. *Genre, frames and writing in research settings*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997.

PLATÃO. *Diálogos*. Tradução por Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

ROSCH, Eleanor; MERVIS, Carolyn B. Family Resemblances: studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*, vol. 7, 1975, p. 573-605. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/ROSFRRS>. Acesso em: 28/01/2017.

ROSCH, Eleanor. Principles of Categorization. In: ROSCH, E. & LLOYD, B. B. (eds.), *Cognition and Categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48.

SWALES, John. *Genre Analysis – English in academic and research settings*. New York: Cambridge University Press, 1990.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo* (volume II): A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2013.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell, 1958.